



Formação Histórico-Geográfico do Semi-árido Brasileiro

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA

Haroldo Schistek

Juazeiro/Petrolina o centro geográfico do Semi-árido Brasileiro



A nova delimitação do Semi-árido Brasileiro, elaborada por cientistas de um grupo de trabalho interministerial, lançado através de Portaria do Ministério de Integração Nacional, assinada no dia 10 de março de 2005, tomou por base três critérios técnicos:

- 1º - precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 milímetros;
- 2º - índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial, no período entre 1961 e 1990;
- 3º - risco de seca maior que 60%, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990.

Se um destes três critérios ocorrer, então o referido município será considerado pertencente à zona semi-árida: são **1.133 municípios**, espalhados numa área de 982.563 km².

Um dos fatores, entre outros, que contribuiu para a falta de políticas públicas apropriadas para nossa região, considerando seu povo, sua história e seu clima, foi sem dúvida a localização das capitais fora da região semi-árida. Situação idêntica encontramos em outros países colonizados. Para o colonizador era mais prático e economicamente mais viável administrar as terras conquistadas, a partir de capitais situadas na beira do mar.

Se o semi-árido fosse um país independente, historicamente formado durante milênios, o bi-polo Juazeiro/Petrolina seria sem dúvida a melhor escolha para ser sua capital. Situado bem no centro geográfico – as distâncias para todas as fronteiras do Semi-árido são quase idênticas, representa um entroncamento rodoviário e aéreo. O seu clima representa bem a região semi-árida. Com sua chuva anual abaixo dos 600 mm fica numa faixa intermediária. Órgãos do Governo e entidades com atuação no SAB, deveriam estabelecer sua sede aqui.

Formação Histórico-Geográfica

do Semi-árido Brasileiro

O noticiário nos traz diariamente fatos, acontecimentos, opiniões, atitudes que muitas vezes não conseguimos compreender, interpretar ou justificar. Observamos muita disparidade, muita riqueza e extrema pobreza no outro lado.

O dia de hoje está construído nos acontecimentos passados, ou mais, cada um de nós é um produto da história do país e da região que habita.

Assim, se aprofundar no desenrolar dos acontecimentos passados representa o caminho apropriado para compreender o presente. Mas não somente isto, representa também o fundamento sólido para planejar e fazer um futuro melhor.

O estudo da História em nosso meio do Nordeste e, especialmente, do SAB traz uma atrativo adicional. O destino desta colônia portuguesa foi traçado aqui. O Brasil de hoje foi formado pelos acontecimentos da Bahia, de Pernambuco. Impossível pensar na independência de Portugal e na integridade do território, sem a resistência da Bahia que culminou no 2 de julho de 1823. Os Senhores da Casa da Torre, com seu maior latifúndio do mundo, decidiram e influenciaram a política do Brasil durante séculos.

As próximas páginas tentam de ajudar neste sentido, apresentando fatos em si conhecidos mas talvez com enfoque diferente. Pois é, relatar História é isto: é uma interpretação, baseada em várias fontes, sujeita a subjetividade. Pois nenhum de nós assistiu o desenrolar dos acontecimentos. E mesmo se tivesse assistido, o relato seria novamente influenciado por subjetividade, dependendo de que lado a testemunha estava.

Assim este texto deve servir aos leitores para criar curiosidade pelo tema e sua própria interpretação.

N.b. O texto se baseia numa apresentação PowerPoint e tentou manter o jeito de uma apresentação: uma imagem, algumas frases curtas, como lembrete e para chamar atenção. O texto corrido porém, é a reprodução da fala do apresentador.

Tabela de tempo da Espécie Humana

Ardipithecus ramidus	5 a 4 milhões de anos atrás
Australopithecus anamensis	4.2 a 3.9 milhões de anos atrás
Australopithecus afarensis	4 a 2.7 milhões de anos atrás
Australopithecus africanus	3 a 2 milhões de anos atrás
Australopithecus robustus	2.2 a 1.6 milhões de anos atrás
Homo habilis	2.2 a 1.6 milhões de anos atrás
Homo erectus	2.0 a 0.4 milhões de anos atrás
Homo sapiens archaicus	400 a 200 mil anos atrás
Homo sapiens neandertalensis	200 a 30 mil anos atrás
Homo sapiens sapiens	195 mil anos até presente



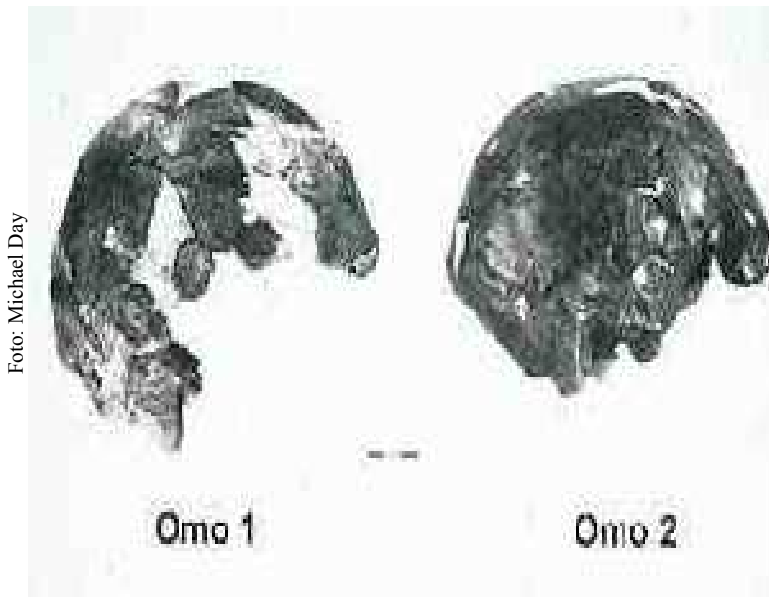
O primeiro Homem/Mulher, nosso ancestral direto, reconstruído pelo Prof. Grover Krantz, Washington State University

5 milhões de anos atrás surgiu o nosso primeiro antecessor.

A evolução da espécie humana foi um processo lento, que passou por muitas etapas. Para deixar claro, a pessoa humana não descende dos macacos, mas temos uma descendência comum, da qual se desenvolveu um ramo para os macacos e o outro para os humanos. Somos parentes também dos outros animais, como gatos, cabras, moscas e até bactérias.

O HOMO HABILIS já tinha no seu comportamento características que podemos observar também no homem moderno, ele utilizava as suas mãos, para a fabricação de ferramentas. Mas era bem baixinho: tinha cerca de 1,50 metros de altura e pesava 45 kg.

Os fósseis mais antigos do homem/mulher moderno: 195 mil anos



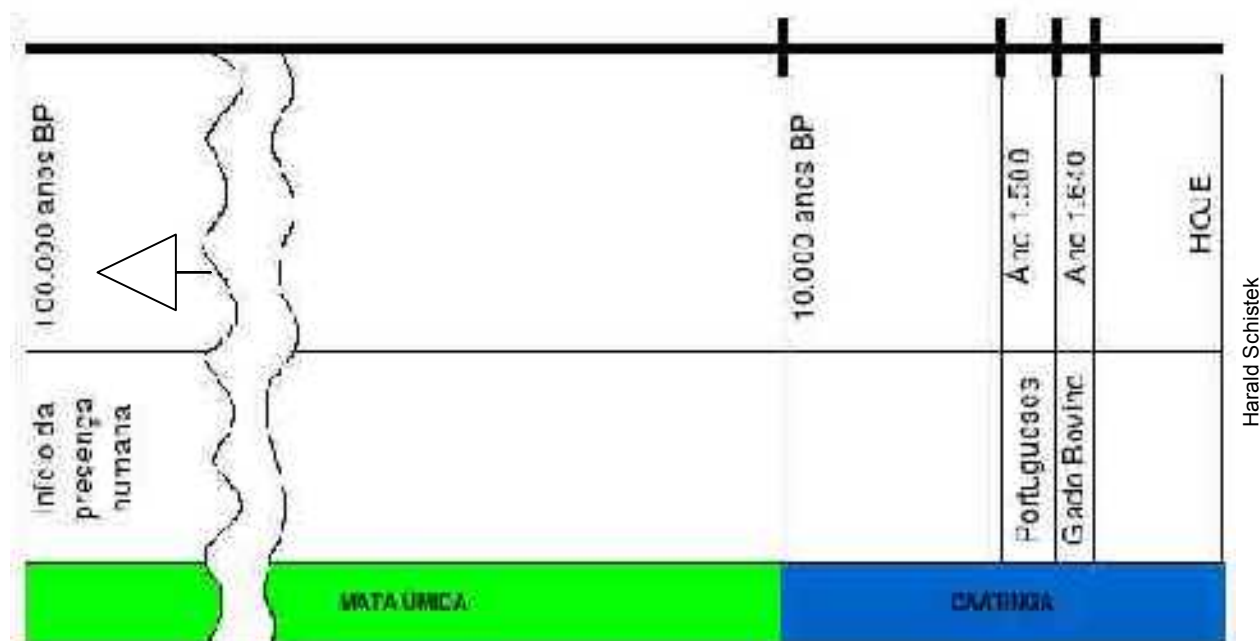
Partes do esqueleto correspondente ao crânio Omo 1

Conforme um artigo publicado na revista americana “Science”, nº 433, do 17/2/2005, a idade da nossa espécie está recuando constantemente. A nova datação dos dois crânios encontrados no rio Omo na Etiópia, indica 195.000 anos.

Os achados da antropologia arqueológica mostram que a espécie humana se desenvolveu na África e daí migrando, habitou o restante dos continentes.

E é surpreendente que aqui já teriam chegado, numa época muito mais remota, do que se pensava até agora: 100.000 anos atrás, como veremos mais tarde.

Linha do Tempo no Sertão



A temperatura do ar do nosso planeta sempre apresentava altas e baixas. Um período frio se alternava com outro de temperaturas elevadas. O último período glacial começou há 200.000 anos e terminou há cerca de 10.000 a 8.000 anos.

A barra verde simboliza que a região do Semi-Árido Brasileiro, neste período, era uma região chuvosa, com vegetação rica e animais grandes. Isto por causa do último período glacial que deixou grandes partes do globo terrestre cobertas de camadas de gelo e neve, porém tornando a nossa região muito verde e chuvosa. Toda região era coberta por uma vegetação semelhante à Mata Atlântica.

Numa mudança rápida, o clima mudou de chuvoso para o semi-árido do nosso sertão de hoje, com chuvas irregulares no espaço e no tempo.

Daquela época se preservaram, dentro do perímetro de Semi-árido, em nichos ecológicos mais úmidos, plantas e animais que hoje só encontramos na mata atlântica ou amazônica.

Indícios mais recentes levantados pelos pesquisadores em torno de Niede Guidon, da FUNDHAM, São Raimundo Nonato, Piauí apontam a presença humana datando de 100.000 anos atrás. A população humana suportou facilmente esta mudança, se adaptando às novas condições climáticas. Testemunhas são as inúmeras aldeias indígenas que se encontraram espalhadas pelo Semi-árido, na época da chegada dos Portugueses. O que destruiu a vida indígena foi a chegada dos Portugueses e o boi.

Animais pré-históricos extintos entre 10 e 8.000 anos Bp

Aqui podemos ver alguns dos animais que viviam neste região até 8.000 anos atrás; na época da mudança climática se extinguiram com grande rapidez.

A foto no meio quer nos dar uma idéia de como era a vegetação. No lugar da Caatinga existiram florestas semelhantes à Floresta Atlântica, intermediadas por manchas do tipo Cerrado. Com o fim da última época glacial, há 9.000 anos, a então região chuvosa se transformou na região semi-árida que conhecemos hoje.

O Eremotherium parente do preguiça com dois metros de altura.

O Smilodon o “tigre-de-dentes-de-sabre”, tinha o aspecto e o tamanho de um tigre grande, pesava até 300 kg.

O Glypoton parecia um tatu, mas seu tamanha era de um fusca.

Mastodonte do ramo dos elefantes.

A população humana passou bem o período de mudança e se adaptou à nova realidade climática.



Eremotherium



Smilodon



Mastodonte



Glyptodon e Panochthus

<http://www.geocities.com/arturchahud/preguica.html>

<http://www.fumdam.org.br/paleonto.asp>

Débora Schistek

http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?obj_id=1548



Cartaz oficial do simposio, foto Harald Schistek

O cartaz as alternativas para o povoamento das Américas

O Povoamento das Américas

A teoria válida até há pouco anos que a ocupação das Américas teria iniciado por volta de 12.000 anos atrás. Esta data marca o fim da última grande época glacial, quando uma ponte de gelo no Estreito de Bering, no extremo norte do continente americano, unindo o extremo nordeste da Ásia ao Alasca teria permitido a caçadores de mamutes, pisar pela primeira vez ao continente americano. Daí teria iniciada a migração rumo sul.

Esta teoria foi colocado em cheque com as escavações realizadas pela arqueóloga Niède Guidon no sítio Boqueirão da Pedra Furada, no Piauí, onde localizou em 1971 vestígios de ocupação humana que remontam a 48.000 anos.

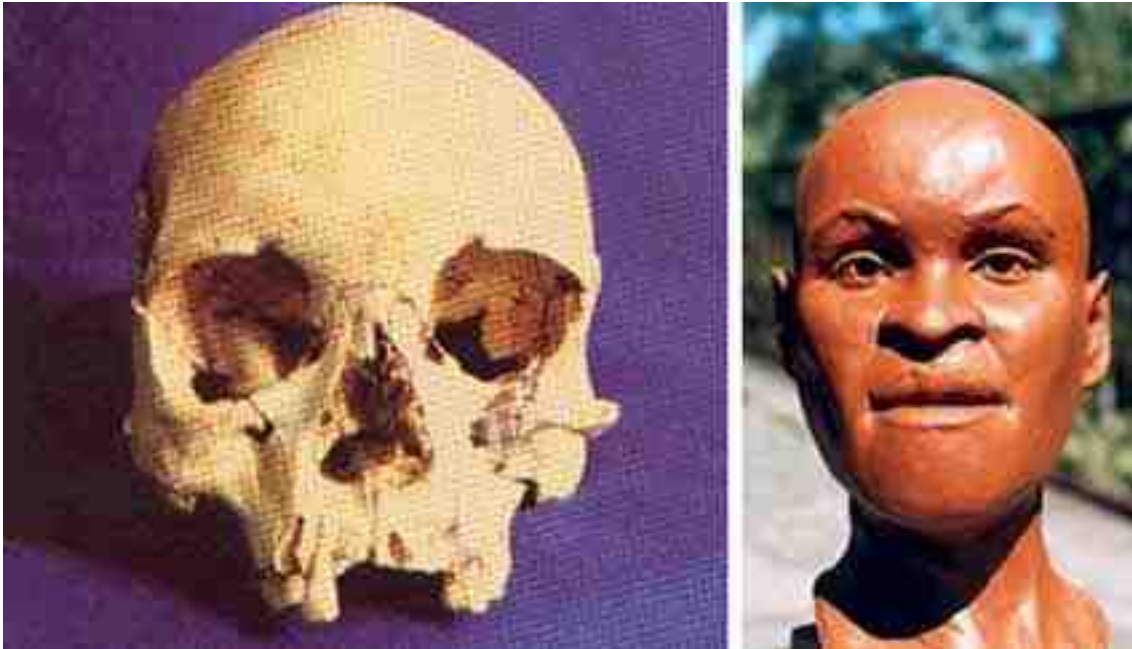
Neste interim, novas escavações confirmaram a ocupação muito mais antiga do que 12.000 anos e, não somente isto, revelaram uma provável nova data: 100.000 anos atrás.

Sem dúvida, a migração pelo estreito de Bering tem acontecido, também, mas não representa o início da ocupação humana, somente mais de uma das várias vias de migração para as Américas.

Mas não é apenas a questão da data que tem incomodado os cientistas. Eles também se perguntam: quem eram estes primeiros homens que aqui chegaram?

Descobrimento do Brasil antecipado:

“Luzia”, viveu há cerca de onze mil anos



<http://cienciahoje.uol.com.br/3942>

Crânio encontrado em 1974 no sítio da Lapa Vermelha, município de Pedro Leopoldo, MG e as feições reconstituídas.

A origem da população nativa do Brasil representa um dos mistérios mais intrigantes.

Em 1974, no sítio da Lapa Vermelha, município de Pedro Leopoldo, MG, foi descoberto este crânio, junto com várias outras ossadas humanas.

A reconstrução do rosto mostra traços negróides evidentes. Como se explica isto, já que a população nativa do Brasil, na época da chegada dos Portugueses, possui traços asiáticos evidentes? A conclusão é que o povoamento ocorreu em levas. E em alguma época remota houve uma colonização a partir do continente africano ou da região de Pápua Nova Guiné. É plenamente possível, pois na época glacial o nível do mar era até 140 metros mais baixo. Assim poderiam ter existido muitas ilhas que serviam como “pontes” intermediárias, para atravessar os mares em pequenas embarcações ou navegando ao longo do litoral.

O que teria acontecido com esta população de origem africana? Dela existem traços genéticos na população indígena atual?

Luzia, a mulher pré histórica é uma das pessoas que "descobriram" o Brasil - milhares de anos antes dos Portugueses.

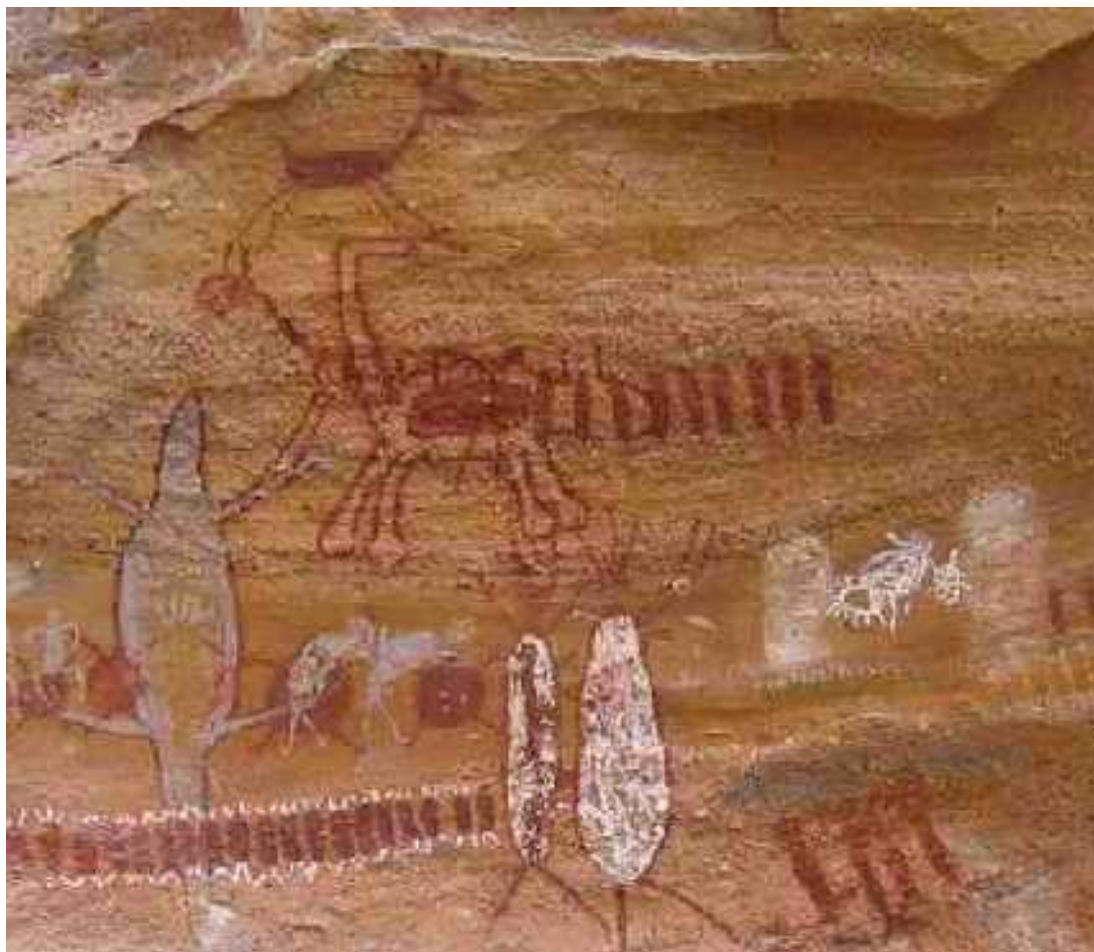
As primeiras historiografias brasileiras Sete Cidades - Piauí



Harald Schistek (2)

Os povos antigos, antes dos Portugueses, tinham o seu modo de viver, de produzir, sua arte, todo particular. Os desenhos encontrados em muitas cavernas neste Semi-Árido Brasileiro, representam mensagens, reproduções do seu dia a dia. Infelizmente não conseguimos ler esta "escrita". Podemos supor p. ex, que a estrutura comprida, seja uma contagem do número dos membros da tribo, outro desenho pode representar o sol, conseguimos distinguir animais de caça...

As primeiras historiografias brasileiras São Raimundo Nonato Piauí, Serra da Capivara



Harald Schistek (2)

Toca do Boqueirão da Pedra Furada, 12.000 anos B.p.

Dizem que os povos pre-históricos eram primitivos. Estes desenhos nos mostram o contrário. Como eram capazes de retratar com tanta fidelidade os movimentos! Em poucos traços deixam evidente de que se trata. A leveza dos desenhos impressiona.

Encontramos figuras representando animais de caça; pessoas dançando; uma mulher parindo; cenas de sexo; armas de caça utilizadas. Figuras em série, talvez indicando o tamanho do grupo...



Toca do Boqueirão da Pedra Furada, 12.000 anos B.p.



A população nativa pós-glacial

Casa Macuxi na mata 1842/43

Os ocupadores Portugueses consideravam os "Índios" animais sem alma. Um conquistador certa vez atirou num índio na floresta. Este caiu, mortalmente ferido. Ao se aproximar notou que o índio estava chorando. Isto deixou o Português pensativo: me falaram que índio é um animal sem alma, mas animais não choram. Ficou tão perturbado que anotou o acontecimento numa carta à Portugal.

O quadro mostra o ambiente bem trabalhado que o índio cria. A sua vida, as suas relações sociais eram bem organizadas. O índio tinha cultura? Ou tinham mais cultura que os Portugueses? Ter navios e armas de fogo, é sinal de cultura?

O que significa cultura para nós?

Não podemos glorificar o índio e sua cultura. Nenhuma cultura é perfeita. Do nosso ponto de vista tinha defeitos, como a antropofagia ou as guerras constantes entre as tribos. Devemos analisar criteriosamente esta questão.



Guerreiro Tupinambá Brasil uma História Eduardo Bueno

Gravura produzida a partir do relato do Pastor calvinista Jean de Léry e publicado em 1578

Ao longo do Rio Opara (São Francisco) viviam diversas tribos

- Amoipirás
- Tupinambás
- Caetés
- Gês
- Ocrens
- Tamaquiús
- Paiaiás
- Macarás
- Sacragrinhos
- Mais outras

A população nativa vivia nua, pois é a maneira mais apropriada de se viver neste clima quente. As roupas ridículas – para a realidade tropical nossa - trazidas pelos portugueses, com suas saias múltiplas, calças compridas, camisa com gravata e casaco, são uma afronta à inteligência humana. E perdura até hoje: o advogado tem que usar casaco e gravata e em espaços públicos é vetada a calça curta.

Semelhante encontramos em muitos fardamentos de escola. Com seus tecidos espessos, calças compridas, gola fechada, muitas vezes com gravata, não deixam o corpo respirar e se livrar do excesso de calor que a pele produz. Fardas assim, certamente não contribuem para aumentar a atenção dos alunos.

As manifestações culturais dos índios eram as mais diversas, cada tribo de índio ao longo do "Opara", como era designado o Rio São Francisco, tinha suas manifestações próprias.



Potiguar: bons canoieiros, inimigos dos Portugueses.

Tremembé: (não tupi) grandes nadadores e mergulhadores, inimigos/amigos dos Portugueses.

Tabajara: amigos dos Portugueses

Caeté: que comeram o bispo Sardinha; em 1562 exterminados e escravizados.

Tupinambá: povo original Tupi; o povo mais conhecido. Muito belicioso. Boas relações com os Portugueses.

Aimoré ou Botocudo: (não tupi). Grandes corredores e guerreiros. Fracassaram as Capitânicas de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo Só vencidos início Sec. XX.

Tupiniquim: que receberam Cabral.

Temiminó: inimigos dos Tamoio, aliados dos Portugueses. Liderados por Araribóia foram decisivos na conquista do Rio de Janeiro.

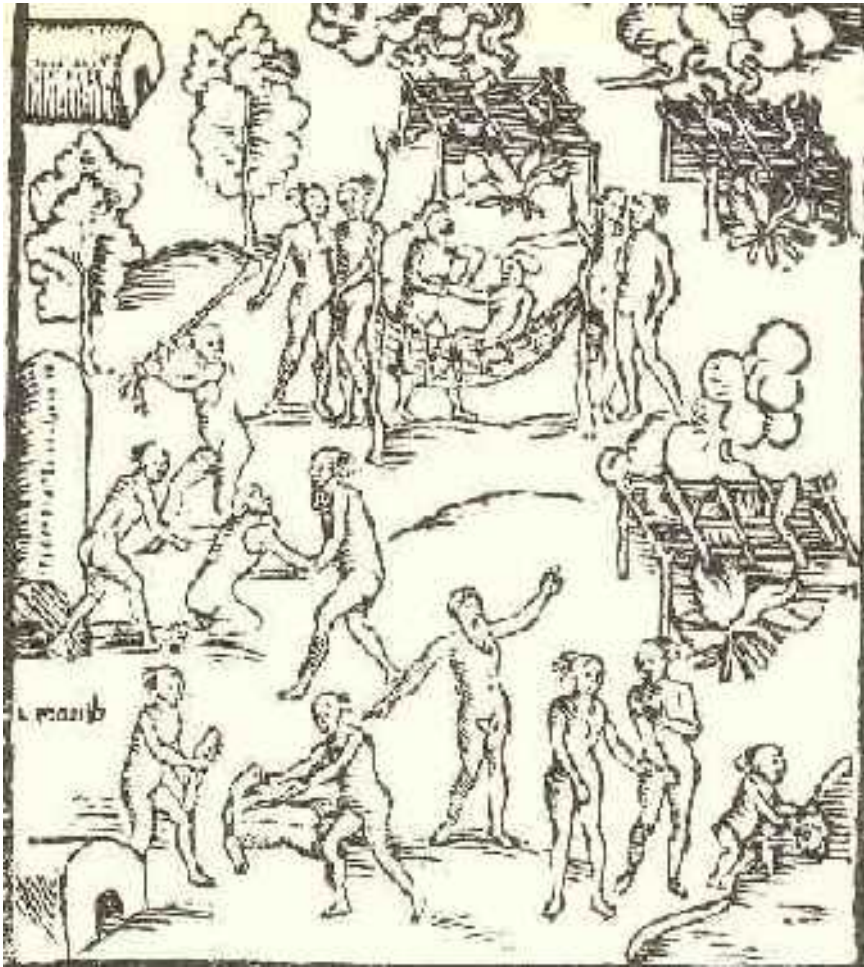
Goitacá: (não Tupi) os mais selvagens e cruéis. Combateram os Portugueses.

Tamoio: aliados aos Franceses. Lutaram até o último homem.

Tupiniquim: os mesmos do Sul da Bahia que avistaram Cabral.

Carijó: "o melhor gentio da costa", aceitaram a catequese. Escravizados em massa.

Como viviam os nativos



Staden, Hans; Brasilien Die währhafftige etc.

O primeiro relato, testemunhando a vida de uma tribo, vem da pena de Hans Staden, um mercenário que viajou duas vezes ao Brasil. Na primeira viagem, no ano de 1548, chegou em Olinda, contratado pelos Portugueses e participou em batalhas contra os franceses.

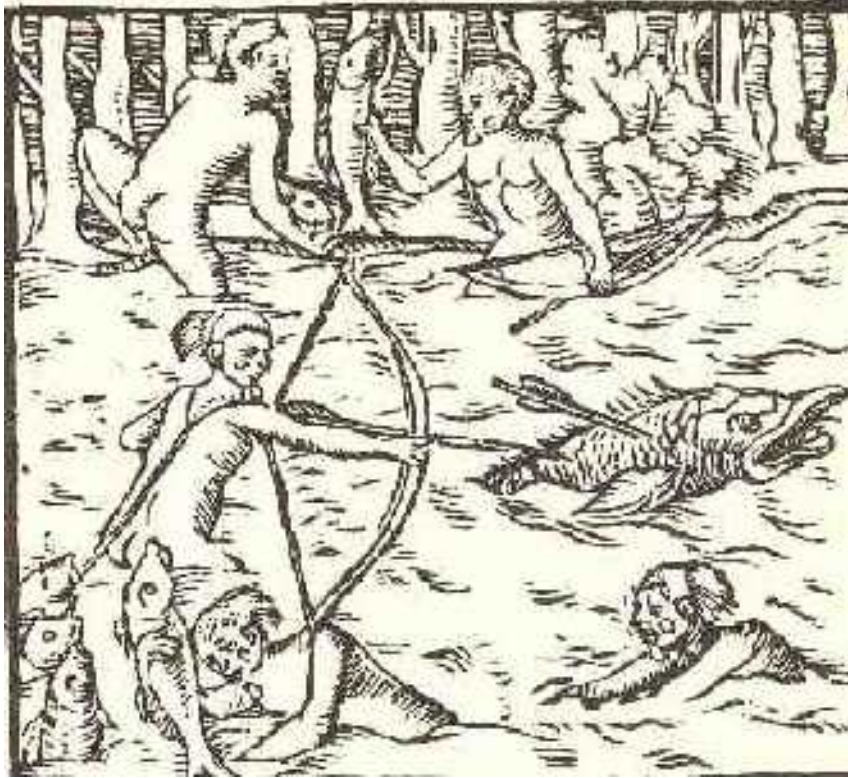
Uma das imagens, xilogravura, que fazem parte da primeira edição de 1557. Feitas pelo próprio Hans Staden ou sob sua orientação. Hans Staden é representado pelo homem de barba comprida.

Lembram a histórias em quadrinhos: os vários estágios da ação estão desenhados na mesma folha.

Na segunda viagem, Hans Staden, esta vez a serviço dos espanhóis, naufragou em 1554 no litoral de São Paulo. Se salvou e foi contratado pelos portugueses para combater os Tupinambás. Foi nomeado Comandante do Forte em São Vicente (hoje vizinho a Santos, litoral São Paulo); numa andança pela floresta caiu nas mãos dos Tupinambás. Com suas astúcias e conhecimentos de medicina, conseguiu escapar de ser devorado num ritual de antropofagia. Viveu quase um ano entre os selvagens. Foi salvo por um capitão francês.

Em 1557 lançou seu livro “Duas viagens ao Brasil”, em alemão, em Marburg na Alemanha. Foi um sucesso de auditoração. Teve 81 edições, foi traduzido para holandês, latim, francês, inglês, espanhol, japonês. A primeira edição no Brasil, data porém somente de 1892.

Como viviam os nativos



Staden, Hans; Brasilien Die wahrhaftige etc.

O nosso conhecimento da vida pré-Cabral da população nativa do Brasil é fragmentado, cheio de interpretações e sempre representa uma constatação de um observador externo. A vida e os costumes dos chamados “índios” são focados sob os diversos ângulos da então cultura portuguesa/européia: religioso, moralista, econômico, interesse sexual. Às vezes sob um ângulo de piedade, na maioria das vezes de exploração total e extermínio.

Não possuímos uma descrição feita pelo próprio índio, relatando sua vida, falando dos costumes, da cultura, da sua religião. Pois a tradição era oral, não houve escrita.

Desta forma, o livro de Hans Staden é de eminente importância: o relato bastante objetivo sobre a vida de um grupo de Tupinambás, por alguém que viveu por quase um ano no meio deles. Certamente já havia acontecido uma mudança cultural neste meio século de contatos com os Europeus. Mas de toda forma, é a obra básica que nos informa sobre a vida da população nativa.

**Os Portugueses chegam no dia 22 de abril de 1500
e fazem o primeiro contato, amistoso, no dia 23 de abril**



Desembarque de Cabral em Porto Seguro, Oscar Pereira da Silva, Museu Paulista

A vida dos habitantes originais mudou drasticamente com a chegada dos Portugueses. Em 22 de abril de 1500, depois de 44 dias de viagem, a frota de Pedro Álvares Cabral avistou terra. O primeiro contato, como também outros em seguida, era ainda amistoso. Mas a partir daí a vida da população mudou para pior.

A pintura de Oscar Pereira da Silva, realizada quatro séculos depois, mostra o primeiro contato de maneira romantizada.

1532, início da cultura da cana de açúcar



Viagens ao Nordeste do Brasil, Vol 2, Henry Costa, 1816

Engenho na região de Recife, no início do século 19

Impressiona a rapidez com que o Rei mandou iniciar o plantio da cana, 32 anos depois da data da “descoberta”. Mas isto tinha sua razão: desde o início da descoberta das terras hoje chamadas Brasil, o Rei de Portugal procurava uma forma de ocupação efetiva, de um lado para demonstrar aos concorrentes europeus a efetivação da posse e do outro para enriquecer os rendimentos da coroa, através de tributos da produção agrícola e da mineração.

Já no tempo medieval os Reis de Portugal se utilizavam do expediente da Sesmaria, um sistema concessionário de posse de terra, que impõe uma série de obrigações ao Sesmeiro, a principal, de fazer a terra produzir alimentos. Caso o Sesmeiro não cumprisse as condições, sofresse punições e a terra retornaria à Coroa.

O regime de terra da Sesmaria no Brasil, inicialmente de uma légua em quadrado, possibilitou a produção de cana de açúcar, mas não impediu a formação do latifúndio, nem no litoral, nem no sertão. As distâncias impossibilitaram uma efetiva fiscalização das determinações da Coroa Portuguesa e uma malha de interesses entre os sesmeiros e os administradores, enviados de Portugal, abortou logo qualquer tentativa. Ou mais ainda, muitas vezes os próprios funcionários da Coroa eram beneficiados também como Sesmeiros.

Datas importantes

- 1532, instaurado o sistema de capitanias hereditárias
- 1549, fundação da cidade de Salvador
- 1550, chega a primeira leva de escravos africanos em Salvador
- 1570, o Rei de Portugal autoriza usar índios "hostis" como escravos

- 1640, instalação do primeiro curral de gado bovino no Médio São Francisco
- 1759, fim do regime de capitanias hereditárias
- 1763, Rio de Janeiro, nova capital

Capitania hereditária e Sesmaria representam dois procedimentos diferentes:

A Capitania era a maneira como o Rei de Portugal tentou administrar e controlar suas novas posses nas Américas. O Capitão tinha uma função semelhante ao Governador de hoje.

Já a Sesmaria era um tipo de arrendamento da terra. O sesmeiro recebeu para produzir, mas não se tornava dono desta terra.

1570: quem era "índio hostil"? Aquele que não aceitava a escravidão, que queria viver sua vida de cultura indígena, que não se sujeitava e, especialmente, que não se deixava enxotar da suas terras.

1763: se até então o Nordeste possuía alguma importância, com a mudança do centro do poder, ficou definitivamente marginalizado.

O Interior? sem interesse!



Harald Schistek

Vale do rio Salitre, Juazeiro, no período sem chuva um risco verde no meio da Caatinga seca

Inicialmente a parte do Semi-árido não interessava muito aos portugueses. Mas fizeram várias incursões procurando ouro e pedras preciosas. A relação com os índios ainda era amistosa, serviam de guia.... Em 1596 vasculharam a Serra da Borracha (Curaçá), as serras de Jacobina e o Vale do Salitre. Lendas falavam de um *“monte de prata, infinita, que lampeja sobre os campos desabrigados como uma cúpula de catedral”*.

No litoral do Nordeste se extraía ainda pau brasil e plantava-se cada vez mais cana de açúcar. Cresceu a demanda por carne e couro de gado bovino. Apareceu como espaço ainda a ser utilizado para o gado, a região Agreste e depois o Sertão. Trouxeram o gado para cá, não na intenção de contribuir para o desenvolvimento da região, mas unicamente em função de interesses externos. Este comportamento se repetiu depois inúmeras vezes – até hoje.

Como teria sido a sorte do Semi-árido, sem a chegada do gado?

A chacina do Rio Salitre, de 1º de julho de 1676

Esmeraldo Lopes, no seu Livro Opara nos traz à consciência que, para encontrar a história dos antepassados não precisamos ir longe, está perto de nós, mas esquecida, sem data nos calendários oficiais, sem tumba ou monumento:

Em 1676 os índios Cariris reagiram contra as constantes matanças, contra a ocupação do seu território, atacando casas de portugueses e vaqueiros.

O Segundo Francisco Dias d'Ávila, reuniu tropas, com apoio e dinheiro do Governador e atacou os índios que fugiram, atravessando a nado o baixo Rio Salitre.

Depois de cinco dias os índios se renderam, sob promessa que lhes poupassem a vida. E mataram os índios amarrados. Eram quase 500.

Fizeram escravos seus filhos e mulheres.

O Governador da Bahia mandou celebrar uma missa, em ação de graças....

A derrota do Cariris no Vale do Salitre representou a limpeza da área para e pelos criadores.



Harald Schistek

Boca do Rio Salitre (ao fundo o Rio São Francisco); suas águas profundas e margens cobertas de densa vegetação retiveram por pou

Os índios, privados de seus lugares prediletos, onde existia água, peixe e caça, enxotados para os lugares mais afastados na Caatinga, reagiram contra a fome, assim imposta a eles. A caça também diminuiu, pela caça predatória dos portugueses, pelas doenças que os animais domésticos traziam, contra as quais os animais silvestres não possuíam resistência.

Os índios matavam o gado dos portugueses para comer. Em represália, os portugueses organizavam verdadeiras caçadas aos índios. Quem conseguia matar mais, era festejado. Os índios num certo ponto não aguentaram mais e atacaram vaqueiros e portugueses.

Quando os portugueses chegaram, tinha 6 milhões de índios

Em 1500 viviam aqui cerca de 6 milhões de pessoas, em mais de 900 povos.

Sobraram 550.438 pessoas de 225 povos (IGBE 2.000) (191.228 em cidades).

O historiador Alfredo Ellis Jr calcula que o total de indígenas escravizados entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVIII tenha sido de 356.720 pessoas.

Uma “peça” valia em 1628 20 mil-reis, 1/5 de um africano.



Jean Baptiste Debret, Coleção Castro Maya

Soldados índios de Curitiba escoltando selvagens

1º Que destino tomaram os povos nativos desta terra. Onde ficou toda esta gente?

2º A nossa herança indígena: com orgulho se celebra o dia da Consciência Negra e tudo que indica a origem africana. Mas o Semi-árido é muito mais índio do que negro. Na ocupação do interior, só vieram homens, sem mulheres; tiraram suas parceiras, forçadas ou não ou enganadas, das tribos que em redor existiam. Temos sangue indígena nas nossas veias. A mãe comum do povo do sertão do Semi-árido é uma índia.

O "Dia do Índio" não deve ser aquilo, de amarrar duas penas na cabeça e pintar o rosto com faixas coloridas. Seria o momento oportuno de investigar sua própria origem, dos costumes, das palavras usadas, dos nomes de povoados e cidades e declarar com orgulho: minha descendência é índia, sou daqueles que se opuseram à invasão. Numa alienação estranha nos acostumamos a falar do índio na terceira pessoa.

3º A situação social da índia, marca até hoje a posição da mulher na nossa sociedade e as atitudes que em relação a ela...

Um pequeno passeio na genética:



Imagem: enciclopédia Grandes Personalagens da Nossa História, Ed. Abril, S. Paulo/SP, 1969, vol. I

Família de índios tupinambás, gravura Teodore de Bry, do livro de Jean de Léry (1534-1611)

O povo brasileiro foi formado basicamente pela miscigenação de três povos: o índio, o branco e o negro. Com o auxílio da tecnologia genética, atualmente, é possível quantificar suas contribuições individuais para a formação da "etnia brasileira".

O princípio para a determinação dos resultados se baseia no estudo de duas linhagens genéticas: a paterna (patrilhagem) e a materna (matrilhagem). As células humanas usam um tipo de divisão celular especial para a formação de células reprodutoras: a meiose.

As células originadas pela meiose têm metade do número de cromossomos da espécie humana ($n=23$), onde 22 destes são cromossomos auto-sômicos (determinarão a formação do novo ser) e um sexual.

Se o cromossomo sexual for do tipo Y, ele gerará um ser do sexo masculino, caso contrário (se for do tipo X), gerará um ser do sexo feminino.

O cromossomo (Y) não sofre recombinação genética ("troca" de pedaços com outros cromossomos) e é transmitido para à próxima geração em "blocos" de genes, os haplótipos. Fenômeno semelhante acontece com o DNA existente nas mitocôndrias das células maternas. As mitocôndrias são organelas presentes no citoplasma da célula, responsáveis pela produção de energia, utilizada nas reações químicas. Durante a fecundação, as mitocôndrias paternas degeneram-se de modo que o DNA presente provém exclusivamente da mãe, ou seja, também são haplótipos, pois são transmitidos inalterados para à próxima geração.

Com base nos estudo dos haplótipos, os resultados demonstraram que a imensa maioria (provavelmente mais de 90%) das patrilhagens dos brancos brasileiros é de origem européia, mais especificamente portuguesa, enquanto que, a maioria (aproximadamente 60%) das matrilhagens é de origem ameríndia ou africana. (Sérgio D.J. Pena (org), Homo brasilis).

Se considerarmos o semi árido separadamente (sem o litoral com suas mulheres de origem africanana e o sul, onde, com a colonização européia chegaram famílias inteiras), podemos deduzir que na linhagem materna no Semi-árido existe uma descendência de mais de 90 % indígena.

O passado indígena está presente na nossa língua diária.

Palavras de origem tupi

socar – sok

carpir – kopira, copyr (cortar o mato)

cutucar – kutug (espetar)

mingau – mingaú (aquilo que empapa)

coroca (ex.: "velha coroca") – kuruk (resmungar)

tiquinho – tykyra (gota)

peteca – petek (bater com a mão aberta)

chorar as pitangas – pitãg (vermelho); equívale a: "chorar lágrimas de sangue".

nhenhêném – nheeng (falar sem parar)

estar jururu – aruru (tristonho)

<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigos/docs/napontadalingua>.

Muitos nomes de plantas, frutas e animais brasileiros têm origem no tupinambá.

Abacaxi, araticum, buriti, caatinga, caju, capim, capivara, carnaúba, cipó, cupim, curió, ipê, imbuia, jaboticaba, jacarandá, mandacaru, mandioca, maracujá, piranha, quati, sucuri e tatu.

A influência indígena também acabou propiciando a criação de **expressões idiomáticas**, como "andar na pindaíba" e "estar de tocaia", que são marcas linguísticas de uma cultura específica.

<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling03.htm>

A toponímia, ciência que estuda a origem dos nomes de lugares, também revela um grande número de palavras indígenas na fala do brasileiro: Aracaju, Avaí, Caraguatatuba, Guanabara, Guaporé, Jabaquara, Jacarepaguá, Jundiaí, Parati, Piracicaba, Tijuca, Jaguarari etc.

Nome de lugares de origem tupi da Região Leste: do livro „Indígenas do Leste do Brasil“, de Bendito Prezi, Edições Paulinas

Itupeva (itu = cachoeira + peba = chato): cachoeira com pouco declive

Itacarambi (ita = pedra + quara = furado + yemby = riacho): riacho da pedra furada, Itapemirim (ita = pedra + peba = chato + mirim = pequeno): lajeado pequeno, Mucuri (mucura = gamba + y = rio): rio do gamba, Paracatu (para = rio grande + catu = bom): rio bom

Sabará (variante de Itaberaba: ita = pedra + oberaba = brilhante): pedra que brilha, Uberaba (y = rio + beraba = brilhante): rio brilhante, Unai (una = preto + y = rio): rio preto

Norme de alimentos de origem tupi

Jirimum = abóbora, Macaxeira = mandioca mansa

Pamonha (var. de pomonga: pegajoso) = creme de milho, Pipoca = espécie de milho

Tapioca = beiju da farinha de mandioca



Erwin Gross

Os currais

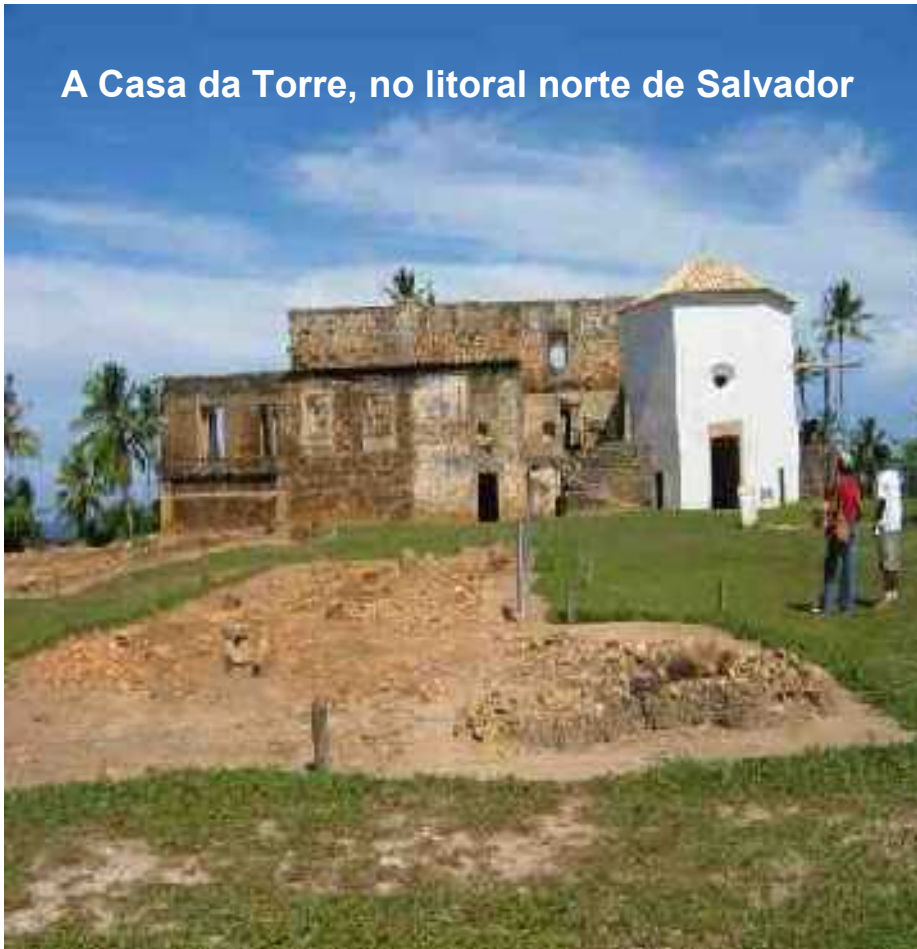
No Médio São Francisco, a Pecuária chegou pelo Segundo Garcia d'Ávila por volta de 1640. A cada duas a três léguas havia um curral.

A ocupação das terras do interior do Nordeste, do Semi árido, se deu em função dos plantios de cana de açúcar no zona litorânea. O gado era necessário para a alimentação da população, dos senhores e seus escravos, para a produção de couro e para servir de animal de tração. Mas, o gado bovino e as plantações extensas de cana de açúcar não poderiam existir juntos, em épocas que não conheciam o arame farpado. Assim o gado foi enviado para longe do litoral, para a área semi-árida. A chegada do boi representa o marco do declínio dos recursos naturais do Semi-Árido Brasileiro, um animal muito pouco adaptado ao clima e aos solos e que consome mais do que produz.

O papel do vaqueiro na sociedade do Semi-árido: ao longo da história foi o elemento consolidador do modelo monopolizador da terra. Foi sempre um explorado, mas sem ele o sistema teria ruído. Era quem representava o dono da fazenda que, muitas vezes, nunca tinha conhecido pessoalmente e de quem defendia os direitos, contra os menos favorecidos ainda, os roceiros, índios... Precisava ser valente e corajoso.

Hoje em dia temos muitos vaqueiros que são vaqueiros de si mesmo, é porque criam cabras, ovelhas e um pouco de gado. Mas continua a aura em torno do vaqueiro, ele é sempre o mais respeitado.

A Casa da Torre, no litoral norte de Salvador



- Construído entre 1551 e 1624
- Primeira grande construção portuguesa
- Único castelo feudal das Américas
- Sede do maior latifúndio do mundo (800.000 km²)

Harald Schístek (2)



Museu Casa da Torre: Maquete do estado original do castelo

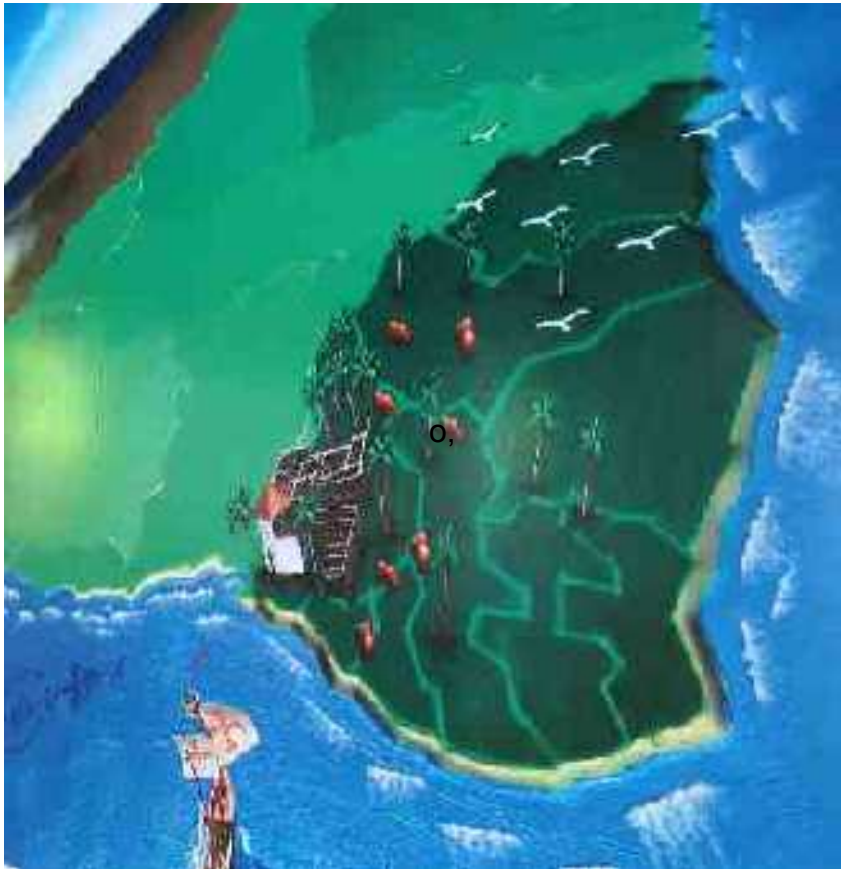
Construído por Garcia D'Ávila e Francisco Dias D'Ávila.

É a primeira grande construção portuguesa no Brasil. Tinha também uma função estratégica: Construído num alto, com vista plena para o mar, controlava o trânsito dos navios antes que chegassem em Salvador. Um navio inimigo era avisado às tropas em Salvador, através de tiros de canhão ou sinais de fogo durante a noite.

Garcia D'Ávila chegou em 1548, junto com Tomé de Souza, o primeiro Governador do Brasil. Era funcionário público.

Começou com uma prática nociva, até hoje muito difundida. Ser funcionário público e ter paralelamente seu negócio particular. Ele usou a função pública para o enriquecimento pessoal. Em outros países isto é simplesmente impossível. Pois as tarefas bem desempenhadas na sua função pública, não deixam tempo para um negócio particular.

Olhando do espaço, o império dos Dias d'Ávila teria se apresentado assim



Museu Casa da Torre, Foto: Harald Schistek

Da metade da Bahia, acompanhando o litoral, até Ceará, Piauí, Maranhão, tudo estava sob o domínio dos d'Ávilas. A dominação durou por aproximadamente 300 anos. O primeiro foi Garcia d'Ávila, funcionário da Coroa e que aqui havia chegado na comitiva do primeiro Governador Geral, Tomé de Souza (1548). Sucessivamente, Garcia d'Ávila e seus herdeiros adquiriam Sesmarias por Sesmarias, no litoral, para o plantio de cana de açúcar e no interior para criação de gado. Até 1699 quase todo o Nordeste pertencia ao seu morgado de nome Casa da Torre, cujas ruínas até hoje podem ser visitadas no litoral norte da Bahia, perto da Praia do Forte. Neste ano uma ordem régia cancelou todas as Sesmarias que não tivessem sido trabalhadas diretamente pelo dono ou por seus feitores e voltariam ao domínio da Coroa, pois Portugal pretendia desenvolver uma ação de ocupação efetiva da terra. Mas foi em vão, as pessoas da Casa da Torre, riquíssimas e com muita influência, souberam esvaziar em grande parte a ordem do rei.

Mas o próprio Rei não tinha o poder suficiente, para tocar no poder local dos senhores da Casa da Torre. A família ramificada, ao longo dos séculos soube ocupar posições estratégicas na administração, justiça, segurança militar e arrecadação dos impostos, se fazendo essencial para manutenção da colônia.

Cana de açúcar, Escravos



http://www.braziltour.com/site/arquivos/imagens/tour/isol_mar/media/00288.jpg

O nome "Porto de Galinhas" vem da época da escravatura. O nome original era Porto Rico, devido ao embarque de Pau Brasil no local.

A foto cria um contraste angustiante da História com o presente. Mostra uma das praias mais lindas e famosas ao sul de Recife, frequentada por turista do mundo inteiro.

Poucos se dão conta que o nome "Porto de Galinhas" vem da época do tráfico de escravos. Quando já não era mais lícito, os comerciantes de escravos avisaram aos interessados que "chegaram galinhas d'Angola".

Durante mais de 300 anos, sem cessar, navios superlotados de negros africanos atravessaram o Oceano Atlântico em direção ao Brasil. Com seu trabalho gratuito os escravos criaram riquezas para seus donos e para a economia mundial da época.

Foi em 1550 que a 1ª leva de escravos chegou em Salvador. Foram ao todo mais de 4,5 milhões (1,1 milhão morreu na travessia). Em cada 5 escravos embarcados na África, um não sobreviveu a viagem. Era uma mercadoria "perecível".

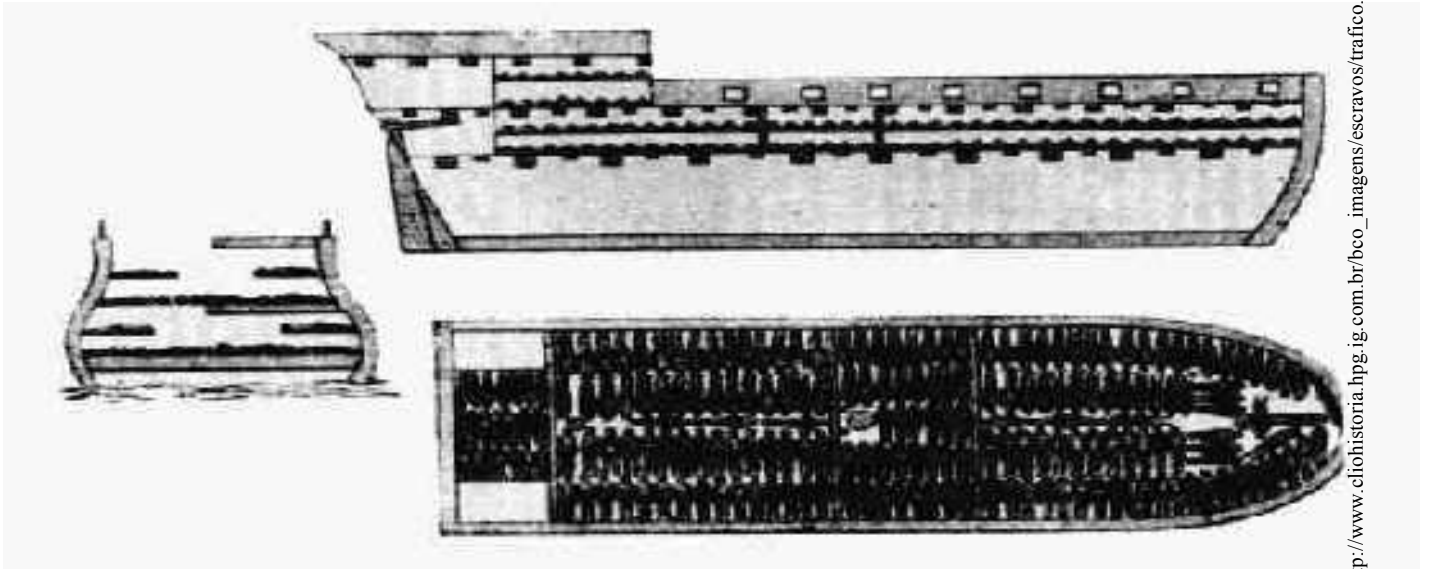
Num navio de 53 m de comprimento vieram 200 a 300 "peças" em cada travessia. A viagem durava de 2,5 a 3 meses.

Em 1815 Inglaterra, se sentindo prejudicado, proíbe a tráfico. Em 7 de novembro 1831 o tráfico se torna ilegal, mas continua.

1871 lei do Ventre Livre

Em 1888 a Lei Áurea abole definitivamente a escravatura.

Escravos



O navio possuía estrados, com menos de 1,50 m de altura, aonde 200 a 300 escravos foram colocados. Não importava a posição em que precisavam ficar durante a travessia.

Os navios tinham um comprimento de aproximadamente 50 metros. Um salão de reunião grande chega às vezes a este comprimento.

Na gravura original, as marcas pretas representam as pessoas, mostra como os escravos eram amontoados.

Ainda uma reflexão sobre o “Homo brasilis”:

Os resultados das pesquisas genéticas evidenciam que a miscigenação contribuiu para a formação de um povo, e não de uma raça. A palavra "raça" perde o significado a partir do momento em que se prova que não há diferença entre as células do branco, do negro, do índio ou do amarelo. Com o povoamento dos continentes, o homem sofreu mudanças evolutivas para poder se adaptar às condições climáticas da época e estas mutações foram herdadas por sua descendência.

Assim, se muitos "brancos" brasileiros soubessem que possuem o DNA mitocondrial de índios ou africanos e tomassem consciência do quanto é importante valorizar a riqueza genética que constitui o nosso povo, com certeza este seria o prenúncio de um século XXI mais justo para todos.

A imagem do medo



Brasil uma História, Eduardo Bueno

Os Edos, povo de Benin, descobertos por volta de 1600 pelos traficantes de escravos, não existiam mais no início do século XVIII.

Esta figura de bronze do Benin, mostra como os nativos temiam os soldados portugueses: o arcabuz e a armadura aparecem com todos os detalhes – o rosto é uma máscara.

Os Edos, povo do Benin, tinha um reino poderoso no delta do Niger, quando foram descobertos pelos traficantes de escravos, por volta de 1600. Um pouco mais de 100 anos depois, do império dos Edos restavam apenas seus bronzes magníficos.



Escravas negras de diferentes nações. (Pelo pintor francês Debret, que esteve no Brasil de 1816 a 1831. ele veio a serviço do Príncipe Regente de Portugal, D. João VI, para retratar todos os momentos ilustres da monarquia.)

Neste quadro Debret idealiza a escrava, mostrando seu porte de cabelo, que, segundo ele, identifica sua origem tribal. A representação suave das escravas encobre a realidade. Pois temos da mesma época o seguinte relato.

Em 1841, a belonave inglesa Fawn, captura na costa brasileira um navio “tumbeiro”.

O capitão escreve no diário de bordo:

“Os vivos, os moribundos e os mortos amontoados numa única massa. Alguns desafortunados no mais lamentável estado de varíola, doentes com oftalmia, alguns completamente cegos; outros esqueletos vivos, arrastando-se com dificuldade, incapazes de suportarem o peso de seus corpos miseráveis. Mães com crianças pequenas penduradas em seus peitos, incapazes de darem a elas uma gota de alimento. Como os tinham trazido até aquele ponto era surpreendente: todos estavam completamente nus. Seus membros tinham escoriações por terem estado deitados sobre o assoalho durante tanto tempo. No compartimento inferior o mau cheiro era insuportável. Parecia inacreditável que seres humanos sobrevivessem naquela atmosfera”

A redenção de Can



1895 pelo espanhol Modesto Brocos Y Gómez,

Vale mais do que mil teses e artigos sobre o racismo brasileiro. Ao centro vemos a mãe mestiça segurando seu filho aparentemente branco, que olha para a avó negra, que expressa sua gratidão para com Deus pela cor de seu netinho.

A criança apresentado numa configuração religiosa: como menino Jesus, abençoando com a mão direita e segurando na mão esquerda um fruta, que parece representar o globo terrestre.

O pai, aparentemente de origem italiana, olha com ar de satisfação para seu rebenito.

A tese defendida na época, era que através da mestiçagem o Brasil se tornaria um país de brancos.

Concentração da terra

O Rei de Portugal emite vários decretos na tentativa de redistribuir as terras concentradas nas mãos de poucas famílias,

Já em 1699, uma ordem régia cancela todas as doações de sesmaria, desocupadas, mas a Casa da Torre ignorou.

Em 1729 emite nova ordem que também é desrespeitada.

Em 1753, outra carta régia, reafirmando o cancelamento; desta vez alguns conseguiram terra, pois a Casa da Torre tinha perdido o interesse.

O sistema de Sesmaria já estava morto muito antes do decreto do Príncipe Regente que revogou em 1822 todas as Sesmarias. Mas não colocou outro regulamento que disciplinasse a aquisição de terra. Seguiram-se as “décadas sem lei”. Assim os antigos donos de Sesmarias continuavam expandindo suas áreas de domínio e impedindo o acesso à terra aos pequenos agricultores. Podemos afirmar que na nossa região até, 1.700 não existiu "fazendeiro" na região, pois o único dono das terra era o mandatário da Casa da Torre.

Não fossem as dificuldades impostas à ocupação livre da terra, possivelmente a estrutura da região, tanto do ponto de vista econômico, como social e político, teria sido outro bem diferente. O vaqueiro teria facilidade para transformar-se em sitiante autônomo e os que chegassem à região tornar-se-iam proprietários livres com fortes possibilidades de que aqui fosse criada uma economia de mercado.

Concentração de terra

Somente em 1850 surgiu uma nova legislação, a "Lei das Terras". A lei tenta retomar as terras não beneficiadas, chamadas de "terras devolutas", para depois proceder uma ação de colonização efetiva. A demarcação das terras que pertenciam ainda ao Estado porém frustrou e beneficiou quase que exclusivamente os grandes proprietários rurais. A novidade mais marcante da nova legislação foi que se abdicou do sistema concessionário das Sesmarias e adotou o sistema de plena propriedade. A partir desta data o dono pode fazer da terra o que bem entenda, explorá-la ou deixar inutilizada. O Estado perdeu todo poder sobre a propriedade privada da terra. Somente 200 anos depois, nas décadas 50, 60 do século 20, se começou discutir a possibilidade da desapropriação da terra e começou a mobilização em torno da Reforma Agrária. O golpe militar de 1964 pôs fim à discussão.

O militares porém se apressaram em emitir uma nova lei que tratasse do assunto da maneira deles. Surge o "Estatuto da Terra" de 1964 que prevê a Reforma Agrária e a desapropriação do latifúndio improdutivo por interesse social. Esta legislação surgiu por pressão dos Estados Unidos que viram a necessidade de uma lei-válvula contra o movimento campestino. O Estatuto da Terra nunca fez Reforma Agrária, pois iria constranger os maiores aliados dos militares, os latifundiários. Procedeu ações de assentamento em terras do Estado, por exemplo ao longo da Transamazônica, mas com finalidades mais estratégicas de Segurança Nacional do que de justiça social.

Finalmente a Constituição de 1988 inova em colocar o princípio da "função social da terra". Porém até agora não conseguiu dar impulso a uma efetiva redistribuição de terras, por causa da demora na regulamentação e imperfeições no próprio texto. Por exemplo, até hoje não acabou a polêmica sobre como se define uma "propriedade produtiva".

Invenção do passado para a construção da História Oficial

Dr. Carl Friedrich von Martius, chegou ao Brasil na comitiva da arquiduquesa austríaca Leopoldina, junto com Dr. Johann Baptist von Spix, zoólogo.

Nasceu em 1794 em Erlangen na Alemanha, pesquisador de ciências naturais, botânico e etnógrafo. De 1817 a 1820 realizou um viagem científica do Rio até a Amazônia.

Foi uma viagem longa e minuciosa. Resultou a obra prima a “Flora Brasiliensis”, com quase 23.000 espécies catalogadas e cerca de 4.000 ilustrações. Quase a metade de todas as espécies vegetais estimadas para o Brasil.



http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Friedrich_Philipp_von_Martius

Recentemente a obra foi digitalizada e pode ser acessada pela Internet:

<http://florabrasiliensis.cria.org.br/>

Outra obra, em três volumes, “Reise in Brasilien” (Viagem pelo Brasil), de 1833, só foi traduzido para o português em 1938.

Em 1843 venceu o concurso do IHGB “Como se deve escrever a História do Brasil” e ganhou o prêmio estipulado de 200.000 reis.

O enfoque proposto é uma história que agrade ao Imperador e sua elite. Defende uma relação harmoniosa entre raça branca e inferiores (índios e negros).

Desvaloriza explicitamente os índios. Mas possui um enfoque inovador, pois tem como eixo a formação do seu povo, com a mescla das raças, porém tendo a negra e índia como inferiores. Destaca a grandeza da natureza, romanticamente se refere aos índios e coloca a realeza acima de qualquer instituição. O enfoque é eurocêntrico.

O projeto de Martius nunca foi realizado.

IHGB: Inspirado no Institut Historique de Paris (1834), criou-se em 1838 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. A elite do Rio de Janeiro se associou logo. Com a criação de um Brasil independente, o Império viu a necessidade de uma historiografia nacional, como base para um sentimento de nacionalidade e de patriotismos.

Invenção do passado para a construção da História Oficial

Francisco Adolfo Varnhagen

nasceu, filho de alemão em 1816 em São João de Ipanema, Sorocaba, S.P. Criou e educou-se a partir dos 8 em Portugal. Embora tenha feito longas viagens pelo litoral e interior, nunca criou laços permanentes com a terra natal.

Em 1872 recebeu o título de Barão, em 1874 Visconde de Porto Seguro.

Foi diplomata em Portugal, onde pesquisou profundamente nos antigos arquivos, revelou muitos fatos até então desconhecidos, com destaque especialmente para o 1º século, pós-descoberta. Escreveu a primeira História do Brasil abrangente.



http://virtualbooks.terra.com.br/osmelhoresautores/biografias/Francisco_Adofo_de_Varnhagen.htm

Entre 1854 e 1857 lançou a sua obra-prima, "História Geral do Brasil", em 5 volumes. A influência alemã, por causa do pai, parece foi grande. Varnhagen foi um historiador eurocêntrico, representando o pensamento da elite brasileira de Nação e de História. Coloca acima de tudo a colonização portuguesa. Defendeu com força sua suposta superioridade cultural e religiosa. Contesta a contribuição dos povos indígenas na História do Brasil, são somente um "pano de fundo". A escravidão é oportuna para civilizar os negros e a matança é lícita em prol da civilização.

A História até hoje reproduzida nos livros didáticos de nossas escolas, ainda é uma reverberação da obra de Varnhagen, uma História romântica, a gosto daqueles que mantêm o poder. Não mostra os conflitos entre portugueses e índios, os massacres das tribos, nem fala das crueldades dos senhores de escravos e todo um contexto de exploração e escravidão.

**O conhecimento dos fatos históricos é indispensável para
construção de novos conhecimentos,
para evitar a sua reprodução e
para possibilitar a construção de uma nova sociedade.**

Para fechar: a Caatinga continua bonita, exuberante, nos encorajando a traçar um novo destino, apropriado, para o Semi-árido Brasileiro

Caatinga morta? As três fotos, do umbuzeiro, do cipo e do faveleiro, apontando o primeiro botão floral, foram tiradas a alguns metros de distância da foto do meio. A Caatinga estava seca mas nada morta!



Cipó, fotografado em 23 de setembro



Umbuzeiro, fotografado em 23 de setembro



Faveleiro, fotografado em 23 de setembro

Harald Schistek (5)



Craibeira, fotografado em 23 de outubro

Tempos atrás vi num livro didático, não sei mais a editora, nem o título, uma foto semelhante a do meio, com o dizer em baixo: “Caatinga morta”. Fiquei assustado. Nos intervalos entre dois períodos de chuva, chega a ser de oito meses, a Caatinga entra em hibernação, perde as folhas, mantém o metabolismo em nível mais baixo possível. Mas a latente vida está cheia de força, embaixo da casca a seiva está sob pressão, cheia de nutrientes. E muito antes da primeira chuva, que ocorre aqui em fins de novembro, início de dezembro, já aparecem as primeiras flores.

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA

Av. das Nações, 4, Bairro Castelo Branco, Juazeiro – BA

tel. (74) 3611 6481

fax (74) 3611 5385

e-mail irpaa@irpaa.org

Haroldo Schistek

haroldo@irpaa.org

Bibliografia

- Araújo, Adauto J.G. et alii Parque Nacional da Serra da Capivara. São Raimundo Nonato, Fundação Museu do Homem Americano, 1998
- Azevedo, Thales de. Povoamento da Cidade de Salvador, Salvador, Editora Itapoã, 1969
- Bandeira, Muniz. O feudo: a Casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista do sertões à independência do Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- Barcellos, Maurillo P. América Indígena: 500 anos de resistência e conquista. São Paulo, Paulinas, 1999
- Bueno, Eduardo. Brasil: uma História. 2. ed. rev. São Paulo, Ática, 2003.
- Bueno, Eduardo. Capitães do Brasil: a saga dos primeiros colonizadores. 2. ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2006.
- Bueno, Eduardo. A coroa, a cruz e a espada. Rio de Janeiro, Objetiva, 2006
- Caldeira, Jorge et alii Viagem pela História do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Cruzado, Juan C. Martinez. The Use of Mitochondrial DNA to Discover Pre-Columbian Migrations to the Caribbean: Results for Puerto Rico and Expectations for the Dominican Republic. KACIKE: The Journal of Caribbean Amerindian History and Anthropology [On-line Journal], Special Issue, Lynne Guitar, Ed. Available at: <http://www.kacike.org/MartinezEnglish.html>, acessado em 20/10/2003

Bibliografia, continuação

- D. Pedro II, Imperador do Brasil. Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe, Alagoas. Rio de Janeiro, Letras & Expressões, 2003
- Del Priore, Mary. Uma história da vida rural no Brasil. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.
- Gonçalves, Esmeraldo Lopes. Opara. Formação Histórica e Social do Sub médio São Francisco. Juazeiro, 1997.
- Holanda, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- Koster, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Tradução e prefácio de Luís Câmara Cascudo; estudo introdutório e organização de Leonardo Dantas Silva. 11. ed. atual. Volume 1, Recife, Ed. Massangana, 2002
- Koster, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Tradução e prefácio de Luís Câmara Cascudo; estudo introdutório e organização de Leonardo Dantas Silva. 11. ed. atual. Volume 2, Recife, Ed. Massangana, 2002
- Marquese, Rafael de Biviar. Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos na Américas, 1660 – 1860. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- Martin, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 1996.
- Mello, José Antônio Gansalves de. Tempo dos Flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil. 3. ed. aum. Recife, FUNDAJ, Editora Massangana, 1987.
- Neves, Walter. E no princípio era... o macaco! separata de Estud. av. vol.20 no.58. São Paulo 2006
- Neves, Walter. Neves, Walter. Os africanos vieram antes <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=1382&bd=1&pg=3&1g=>, acessado em 5/7/2002
- Nina Rodrigues, Raimundo. Os africanos no Brasil. 8. ed. Brasília, Editora Universitária de Brasília, 2004.
- Prezia, Benedito. Índigenas do Leste do Brasil: destruição e resistência: subsídios didáticos para o ensino fundamental e médio. São Paulo, Paulinas, 2004
- Reis, José Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. 8. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006
- Rezende, Antônio Paulo. O Recife: histórias de uma cidade. Fundação de Cultura Cidade de do Recife, 2002
- Ribeiro, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil: São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- Ribeiro, Darcy. Os índios e a civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Ribemboim, José Alexandre. Senhores de Engenho Judeus em Pernambuco colonial (1542- 1654). Recife, 20-20 Comunicação e Editora, 1998.
- Risério, Antônio. Uma história da cidade da Bahia. 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.
- Salazar, Guilherme de Alencastro. História da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil e suas moedas obsidionais cunhadas no Recife. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 1994.
- Silva, Alberto da Costa e. Francisco Félix de Souza, Mercador de escravos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: EdUERJ, 2004
- Souza, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587: edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos no Brasil, em Portugal, Espanha e França e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen. Apresentação de Leonardo Dantas Silva. 9. ed. rev. atual. Recife, Ed. Massangana
- Staden, Hans. Brasilien. Die wahhaftige Historie der wilden, nackten, grimmigen Menschenfresserleute – 1548 – 1555. Nördlingen: Greno Verlagsges., 1988
- Vainfas, Ronaldo. Dicionário do Brasil Colonial. (1500 – 1808): Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda, 2000.
- Woortmann, Klaas. O selvagem e o Novo Mundo: ameríndios, humanismo e escatologia. Brasília, Editora Universitária de Brasília, 2004